

mercado coronavírus

Mais gasto, mais imposto, menos PIB

Quem financiará um país cuja trajetória dos gastos é explosiva?

Solange Srouf

Economista-chefe da gestora ARX Investimentos. É mestre em economia pela PUC-Rio

O Brasil não é para principiantes, como dizia Tom Jobim. Definitivamente, não é uma tarefa trivial analisar nossas preferências em relação às políticas públicas.

Demandamos cada vez mais o aumento de gastos como se essa fosse a forma adequada de suprir a péssima qualidade do serviço prestado. Despesas são aprovadas, sem foco no seu desenho e sem a exata noção de quanto nos custarão. Depois, procuramos as fontes de recursos.

Realocar gastos pouco eficazes ou eliminar privilégios, nem pensar. Propomos, então, mais impostos, mas desde que recaiam sobre os ricos.

Crises deveriam ser um alerta para o perigo de não dar atenção para o financiamento dos gastos do governo, pois elas, na maioria das vezes, resultam de expressivos déficits fiscais. No entanto, esta crise é diferente, resultado de um choque exógeno que colocou o mundo todo em recessão, gerou uma abundante liquidez internacional e juros muito baixos. Situação perfeita para o surgimento de ideias que não sobreviveriam em condições normais.

Propostas para aumento de gastos não faltam. Um novo programa de sustentação da renda será apresentado pela equipe econômica. É eviden-

te que o resultado não será apenas um remanejamento de programas existentes já existentes, buscando maior eficiência e foco do gasto. O auxílio emergencial já fixou um padrão elevado para o benefício, que será difícil de reverter, dada a fragueza do governo.

O Congresso já começa a trabalhar sua contraproposta a partir da criação da Frente Ampla pela Renda Básica, que, sem dúvidas, será bem generosa. A ela se juntarão demandas por mais verbas para educação, saúde e infraestrutura. Isso sem falar no imbróglio da desoneração da folha, cujo veto presidencial acabou tornando sua ampliação inevitável.

A tudo isso se somarão os gastos já contratados com a renovação do Fundeb e a compensação da Lei Kandir. As mudanças no BPC, ora judicializadas, em breve também emplacarão.

O teto de gastos está por um fio, como se esse fosse o problema. Ocorre que o teto é apenas um mecanismo de controle do nosso impulso de gastar sempre mais. Sem essa âncora fiscal, certamente não navegaríamos a crise com juros baixos. Derrubar o teto não nos livrará de uma obrigação básica: gastos precisam ser pagos ou o crédito secará.

Retirar alguns gastos do teto também não ajuda. O Fun-

deb, por exemplo, já está fora do teto, mas como pagar o aumento desse gasto? Imposto ou dívida? A qualidade da educação vai mesmo melhorar quando 70% do Fundeb vai para aumento dos salários de servidores que gozam de estabilidade?

Vivemos na ilusão de que podemos aumentar o endividamento para todo o sempre, afinal temos juros baixos. Mas até quando? Qualquer devedor sabe que os juros cobrados em seus empréstimos dependem de sua capacidade de pagamento. Quem financiará um país cuja trajetória dos gastos é explosiva?

Hoje estamos rolando nossa dívida a um prazo curtíssimo, já que os juros longos não são nada baixos. Sem teto e com gastos crescentes, o juro curto se deslocará para longe da Selic. Os investidores irão demandar ágio, e as expectativas de inflação começarão a subir.

Ou se gera superávit primário ou se aprovam reformas

que acelerem o crescimento. Enquanto evitarmos discutir o tamanho e a qualidade dos nossos gastos, seremos empurrados para um aumento da carga tributária.

Para piorar ainda mais as perspectivas de crescimento, há o desejo de fazer distribuição de riqueza através da tributação com impostos sobre patrimônio e grandes fortunas. É desejável aumentar a progressividade da carga tributária, mas achar que impostos reduzirão a desigualdade social é uma ilusão.

Nosso sistema tributário já é complexo, repleto de regras especiais e pouco transparente. Precisamos de um redesenho amplo, cuidadoso e que crie um ambiente propício ao crescimento.

Nos últimos 20 anos, a carga tributária (incluindo as renúncias) aumentou em dez pontos percentuais do PIB. Qual a melhora que tivemos nos serviços públicos e no crescimento? Ilusão achar que a conta cairá no colo dos outros.

| DOM. Samuel Pessôa | SEG. Marcia Dessen | TER. Nizan Guanaes, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srouf | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

BC lançará cédula de R\$ 200, a um custo de R\$ 114 mi

Autoridade monetária atribui decisão ao aumento na demanda por papel-moeda durante a pandemia

Larissa Garcia

BRASÍLIA Para tentar atender a maior demanda de papel-moeda na pandemia, o CMN (Conselho Monetário Nacional) aprovou, nesta quarta (29), o lançamento da cédula de R\$ 200, que terá como personagem o lobo-guará.

A nova cédula deverá entrar em circulação a partir do fim de agosto. A previsão é que sejam impressas 450 milhões das novas cédulas em 2020, o equivalente a R\$ 90 bilhões.

As imagens da cédula só serão divulgadas em agosto, no lançamento oficial, por questões de segurança.

O Banco Central gastará R\$ 113,8 milhões a mais do que o previsto no orçamento anual para a produção das notas e para a impressão de mais 170 milhões de cédulas de R\$ 100.

“Com a pandemia, observamos o aumento do entesouramento [quando o dinheiro fica parado na mão das pessoas]. Com isso, estamos nos antecipando para atender demandas futuras”, disse a diretora de Administração do BC, Carolina Barros.

Segundo ela, as notas não entrarão todas em circulação de uma vez, mas de forma gradual. “Vamos observar a necessidade de papel-moeda.”

A nota de R\$ 200 está em fase final de testes de impressão. A diretora afirmou que o BC já estudava criar a cédula e, mesmo após a normalização da demanda por cédulas, não pretende tirar o novo valor de face e circulação.

Segundo ela, não há falta de cédulas. “O BC entende que a quantidade de cédulas em circulação é adequada, não há falta de papel-moeda.”

A Folha mostrou, entretanto, que, além das filas, a escassez de cédulas travou a liberação do auxílio emergencial em maio e levou a Caixa a limitar os saques.

Até hoje, quem recebe benefícios emergenciais pelo aplicativo da instituição tem que aguardar alguns dias para fazer a retirada em dinheiro.

De acordo com o chefe do departamento de Estatísticas

do BC, Fernando Rocha, o aumento da base monetária, que é a quantidade de dinheiro na economia, já vinha sendo observado nos últimos meses. “Com isso, aumentou a procura por papel-moeda, principalmente com o pagamento dos auxílios emergenciais.”

Ele disse que a medida não tem efeito inflacionário. “Não há relação direta da expansão da base com a inflação, que continua baixa, estável, sem que cause perspectiva de elevação”, avaliou.

Bandidos vão poder carregar malas mais leves de dinheiro

ANÁLISE

Vinicius Torres Freire

SÃO PAULO O lançamento da cédula de R\$ 200 causou sensação surpreendente. Ficou entre os textos mais lidos desta Folha e se tornou assunto dos mais comentados em redes sociais. A nova nota foi motivo imediato de piadas divertidas e preocupações sem sentido.

Em vez de estampar o lobo-guará, a nota deveria ter a imagem do vira-lata caramelo, um

dos animais mais queridos do país, se disse nas redes.

Em nota mais crítica, houve quem sugerisse que a cédula tivesse a imagem do javali (“já valí”). Curiosa e um tanto divertidamente também, houve muita gente a dizer que o lançamento da nota de R\$ 200 seria um sinal de inflação e mesmo de hiperinflação.

Bem, emitir uma cédula de valor nominal mais alto pode ser, sim, sinal de que houve alguma inflação em algum período. Mas praticamente não há inflação no país agora. Nos últimos 12 meses, o IPCA aumentou 2,1%.

A inflação cai ou está bem baixa desde meados de 2017, afora o repique de meados de 2018, cortesia da greve dos caminhoneiros. Inflação não é o problema, mas o crescimento nenhum da economia.

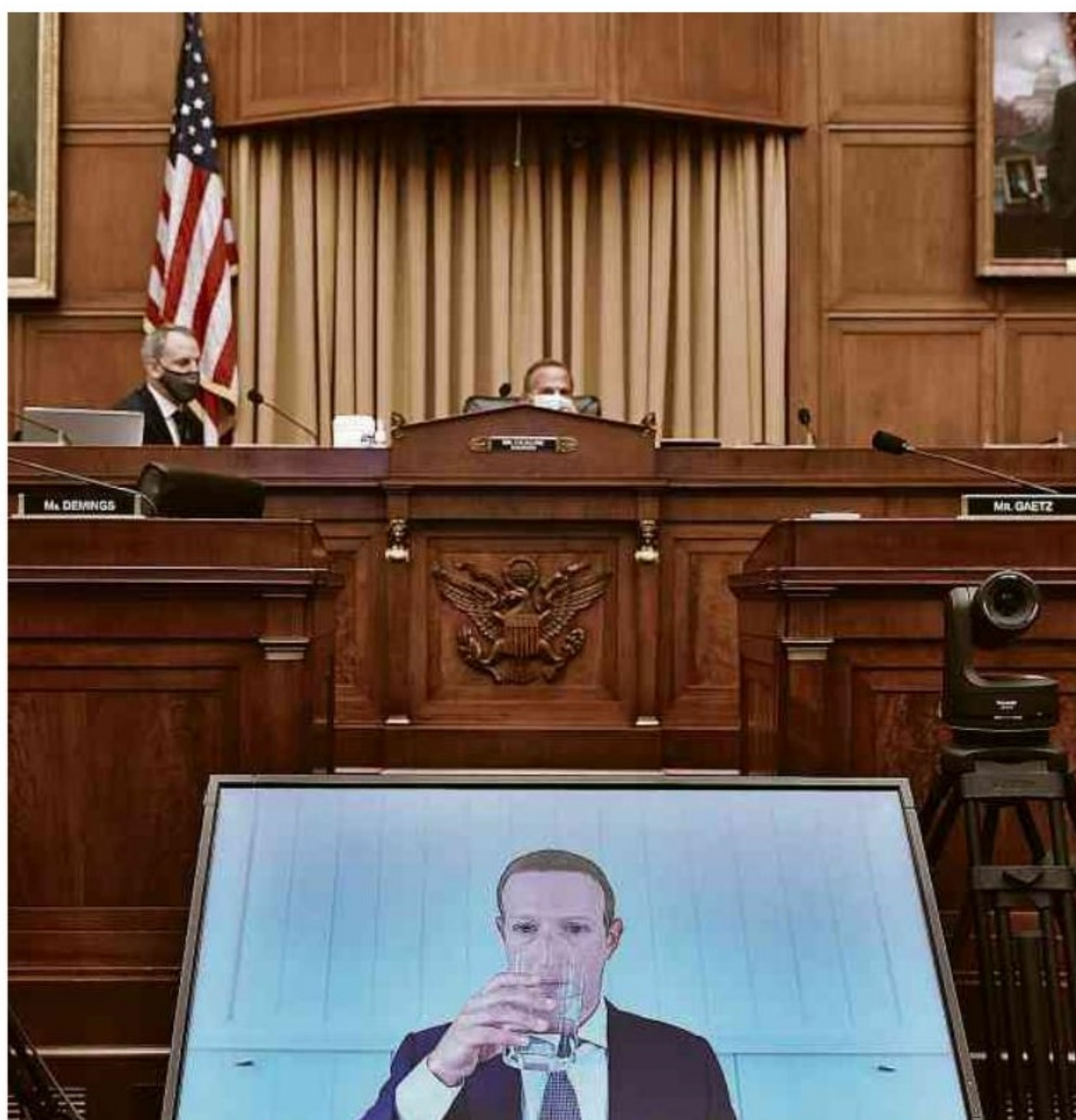
Sim, desde que a cédula de R\$ 100 foi lançada, em julho de 1994, a inflação acumulada é considerável, mas fichtinha perto dos padrões históricos brasileiros. Naquele mês, o poder de compra de R\$ 100 seria equivalente hoje a R\$ 621. A inflação acumulada nesses 26 aos foi de 521%.

Pouco antes do lançamento do Real, também em julho de 1994, a inflação anual era de 4.922%. A maior inflação anual de que se tem registro na história do Brasil ocorreu em abril de 1990: o IPCA acumulado em 12 meses foi de 6.821%.

O que muda com a nota de R\$ 200? Quase nada. As pessoas nas redes estão dizendo que, se já falta troco para R\$ 100, imagina para R\$ 200. Ou que, dada a crise, será mais difícil ver uma nota de R\$ 200 do que um lobo-guará.

Por que uma cédula nova? Por causa de um tanto de inflação em um quarto de século. Também, em parte, porque as pessoas estão usando mais papel-moeda nesta pandemia e porque diminuiu a circulação do dinheiro. É um problema prático; em termos econômicos, um problema pequeno.

No mais, corruptos e bandidos em geral vão poder carregar malas mais leves de dinheiro. No mais, nada.



O presidente-executivo do Facebook, Mark Zuckerberg, depõe em comitê da Câmara dos EUA; chefes da Apple, do Google e da Amazon também foram ouvidos. Mandel Ngan/Reuters

Gigantes da tecnologia enfrentam críticas de congressistas nos EUA

TEC

WASHINGTON | REUTERS Google e Facebook receberam de congressistas dos Estados Unidos nesta quarta-feira (29) as críticas mais duras sobre abuso de poder de mercado, durante audiência com os presidentes das maiores empresas de tecnologia do país.

Os presidentes do Facebook, Mark Zuckerberg, da Amazon, Jeff Bezos, da Alphabet (Google), Sundar Pichai, e da Apple, Tim Cook, cujas companhias representam valor de mercado combinado de cerca de US\$ 5 trilhões, enfrentaram acusações dos parlamentares antes de um painel sobre leis de concorrência promovido pela Comissão de Justiça da Câmara dos Deputados norte-americanos.

O democrata David Cicilline, presidente da subcomissão de defesa da concorrência, começou acusando o Google de roubo. “Por que o Google rouba conteúdo de empresas honestas?”, questionou o parlamentar.

Cicilline acusou o Google de roubar resenhas da companhia Yelp e afirmou que a empresa ameaçou retirar a

Yelp de resultados de busca se se colocasse contra a prática.

O presidente da Alphabet, controladora do Google, respondeu de maneira calma que preferia saber os pontos específicos da acusação. “Nós agimos de acordo com os mais elevados padrões”, disse o executivo, rejeitando a acusação de roubo de conteúdo para preencher espaços em suas páginas de busca e manter os internautas navegando pelos próprios serviços do Google.

Já Zuckerberg recebeu uma série de acusações sobre a compra do Instagram em 2012 e lhe foi perguntado se a compra ocorreu porque o serviço de fotos na época apresentava uma ameaça ao Facebook.

O presidente da maior rede social do mundo respondeu que o acordo de compra do Instagram passou pela Comissão Federal de Comércio dos EUA (FTC, na sigla em inglês) e que o serviço na época era pequeno e não um fenômeno das mídias sociais. “As pessoas não pensavam que eles competiam conosco naquele espaço”, disse Zuckerberg.

No lado republicano, o de-

putado Jim Jordan acusou as companhias de promover uma longa série de ações que mostram que estão tentando evitar que os conservadores atinjam seu público de apoiadores.

“As grandes empresas de tecnologia estão atingindo os conservadores”, disse o parlamentar. As empresas negaram as acusações de censura.

A subcomissão de Cicilline está investigando acusações de críticos de que as companhias prejudicaram competidores com seu apetite insaciável por dados dos usuários.

A audiência marcou a primeira vez que os quatro presidentes apareceram juntos perante os parlamentares e também marcou a primeira vez que Bezos compareceu diante do Congresso.

Um relatório detalhado com acusações de violações de leis da concorrência envolvendo as quatro empresas e recomendações sobre como conter o poder de mercado delas deve ser liberado até o final do ano pela comissão, que reuniu 1,3 milhão de documentos das empresas para compor a análise, afirmaram assessores.



Lobo-guará, que estampará cédula de R\$ 200. WilliamBossi/Stock Adobe